

POSSIBILIDADES E LIMITES À TRANSIÇÃO SOCIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO ASSOCIADO NO INÍCIO DO SÉC. XXI.

Sessões de Comunicações:

7. Trabalho, Indústria e Tecnologia

7.1. Mundo do Trabalho

TASSIO CARLOS RODRIGUES FILGUEIRAS¹

04/03/2013

RESUMO: As experiências reunidas em torno da economia solidária situam-se num terreno contraditório de transição social que, por um lado, apresentam elementos que possibilitem a superação da ordem social capitalista, e, por outro, garantem a reprodução do sistema sobre novas bases. Cabe analisar os limites e possibilidades apresentados por estas experiências, após duas décadas de sua emergência no cenário brasileiro, como alternativa ao modo de produção capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: economia solidária; transição social; alternativa;

ABSTRACT: The experiences in solidarity economy becomes situated in a contradictory terrain of social transition that, on the one hand, they have elements that allow overcoming the capitalist social order, and, secondly, ensure the reproduction of the system on new bases. It is necessary analyze the limits and possibilities presented by these experiments, after two decades its emergence in the Brazilian scenario, as an alternative to the capitalist mode of production.

KEYWORDS: social economy, social transition; alternative;

¹ Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Maranhão - PPGDSE/UFMA.

POSSIBILIDADES E LIMITES À TRANSIÇÃO SOCIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO ASSOCIADO NO INÍCIO DO SÉC.XXI.

Tássio Carlos Rodrigues Filgueiras

O texto em questão parte da premissa de que a partir da crise do Estado de Bem-Estar-Social, das novas formas de organização do trabalho e da introdução de novos procedimentos tecnológicos no processo de trabalho, cabe investigar quais novos caminhos se apresentam atualmente para resistência da classe trabalhadora e superação da forma social dominada pelo capital.

Diante da desvalorização dos trabalhadores como força produtiva e da “impossibilidade” de viver através da venda de sua força de trabalho, contingentes cada vez maiores de trabalhadores são deslocados para outras atividades que se pretendem alternativas ao modo de produção capitalista. Nesse sentido, surge, no Brasil, um conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, prestação de serviços, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores sob a forma coletiva autogestionária, reunidas no campo da economia solidária, cujas características fundamentais são: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade (SENAES/MTE, 2006).

Diante do que se coloca como papel da economia solidária, considero que este movimento se dá por meio de experimentos reais colocados em prática por trabalhadores, cujos sujeitos envolvidos foram abrindo seus próprios caminhos pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro (SINGER, 1998). É agindo coletivamente que as massas aprendem a se autogerir. E somente é possível articular as ideias autogestionárias com as experiências concretas por meio da experimentação social (LUXEMBURGO, 1986).

Assim, observamos a multiplicação do número de experiências nesse campo, conforme nos mostra os dados informados pelo Sistema de Informações em Economia Solidária (SIES). Em um levantamento realizado até 2007, haviam sido mapeados 21859 empreendimentos de economia solidária (EES) em todas as regiões do país. A prévia dos dados da segunda etapa do mapeamento - que encontra-se em andamento - já conta com 22679, dos quais 14708 são novos em relação ao período anterior, implicando no surgimento e desaparecimento de muitos deles.

No entanto, não devemos considerar somente o crescimento quantitativo dessas experiências, a dimensão e relevância do tema se evidenciam também com a chegada da economia solidária aos aparatos públicos e sua institucionalização como política pública. Por outro lado, a ampliação dos espaços de discussões em fórum e eventos levou um elevado número de pessoas, gestores, pesquisadores, trabalhadores, centros de pesquisas, ONGs, a envolverem-se com o tema, o que resultou no aumento do número de publicações e estudos de casos, abrangendo uma variedade de experiências, realizados recentemente.

Tendo em vista a multiplicação dessas práticas e ampliação do debate teórico sobre a questão, acumulados em duas décadas, desde que a proposta da economia solidária surgiu no Brasil, este texto tem como proposta realizar um balanço atualizado acerca das potencialidades e limites da economia solidária em superar a exploração de classe, a desalienação do trabalho e possibilitar a emancipação dos trabalhadores.

Entendemos que, assim como o desenvolvimento das condições gerais para a expansão do modo de produção capitalista efetivou-se no interior da formação social precedente, paulatinamente, explorando as brechas que surgem da própria decadência

dos modos de produção anteriores, o novo só pode nascer a partir do velho - do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social -, porém em suas entranhas.

O novo modo de produção se manifesta na própria estrutura do modo de produção vigente, na forma de mudanças qualitativas em aspectos essenciais deste, transfigurando-o crescentemente, até o momento da ruptura. Como todo modo de produção novo nasce no interior do antigo, a fase de transição deve necessariamente caracterizar-se pelo surgimento de formas contraditórias, das quais as fábricas-cooperativas são exemplos. Elas apontam, em germe, para a superação desse modo de produção e, ao mesmo tempo, para a reprodução das relações sociais do capital em novas bases.

Na segunda década deste século, são criadas e recriadas novas formas de organização social que se propõem uma contraposição à ordem capitalista, mas, que, no entanto, acabam se adequando as necessidades de manutenção desta própria ordem. Estes espaços estão sendo construídos e reconstruídos continuamente pela ação e reação desses sujeitos políticos, de forma que a positividade e negatividade destas experiências existem na mesma totalidade e num mesmo processo histórico, que nos cabe distinguir. Sua definição se dá pela correlação de forças das diferentes classes sociais em disputa, sem perder de vista a assimetria de poder a favor do capital.

Tendo isto em vista, Faria (2011) afirma que as contradições e ambiguidades que essas experiências detêm precisam ser devidamente consideradas quando se pretende fazer avançar o potencial emancipatório que carregam. Se, por um lado, tal movimento contraditório da proposta de Economia Solidária indica pontos de acomodação, colocando os empreendimentos solidários na condição de funcionalidade ao sistema orgânico do capital, por outro, força outras formas/meios de resistência e inovações sociais. É possível identificar, numa perspectiva dialética, pontos de ruptura ou inovação societal importantes na práxis da Economia Solidária e que, se bem percebidos e compreendidos, podem ser recombinaados e potencializados dentro de projeto político. E, ainda que essas experiências não sejam suficientes para superação do capital em sua totalidade, ressalta-se o potencial transformador de caráter pedagógico que tem o trabalho associado e a prática da autogestão.

Segundo Marx (1991), a característica mais relevante das formas cooperativas de produção é o fato que elas demonstraram, pela primeira vez, que os próprios trabalhadores podiam assumir o controle da produção, indicando a superação positiva da propriedade privada, submetendo ao controle consciente e planejado a produção da riqueza e, portanto, dos próprios homens, do ser social, ainda que subsumido ao mundo do capital em degeneração. Revela-se aí o caráter transitório do trabalho assalariado e a desnecessidade histórica da classe capitalista como elemento necessário a produção material da existência humana.

BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, Marilena, **A história no pensamento de Marx**, In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas, 2007, São Paulo: CLASCO.

FARIA, Maurício Sardá de. **Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital**. Florianópolis: UFSC, 2011.

GERMER, Claus. **A "economia Solidária": uma crítica marxista**, in: Revista Outubro, n. 14, São Paulo: Alameda, 2006.

GRADE, Marlene; AUED, Idaletto Malvezzi . **Economia solidária: Superação do modo de produção capitalista?** In: IV Encontro Internacional de Economia Solidária. São Paulo: Núcleo de Economia Solidária-USP, 2006.

_____. **Solidariedade como o espaço de transição: uma análise crítica da Economia Solidária a partir da Karl Marx**. In: XII Encontro Nacional de Economia Política, 2007.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma Social ou Revolução?** São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro primeiro: o processo de produção do capital: volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Economistas).

_____. **O Capital: crítica da economia política**: L.3, Vol. VI. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **Manifesto do Partido Comunista**.

NOVAES, Henrique T; CASTRO, Mariana P. **Em busca de uma pedagogia da produção associada**. In: Édi A. Benini; Maurício Sardá de Faria; Henrique T. Novaes; Renato Dagnino (Orgs). Gestão Pública e Sociedade: Fundamentos e Políticas Públicas de Economia Solidária. Volume I; Outras Expressões. São Paulo: 2011.

SINGER, Paul. **Uma utopia militante: repensando o socialismo**, Petrópolis: Vozes, 1998.

SENAES/MTE. **Guia de Orientações e Procedimentos do Sies – Fase II**. Brasília: MTE, Senaes, 2006.